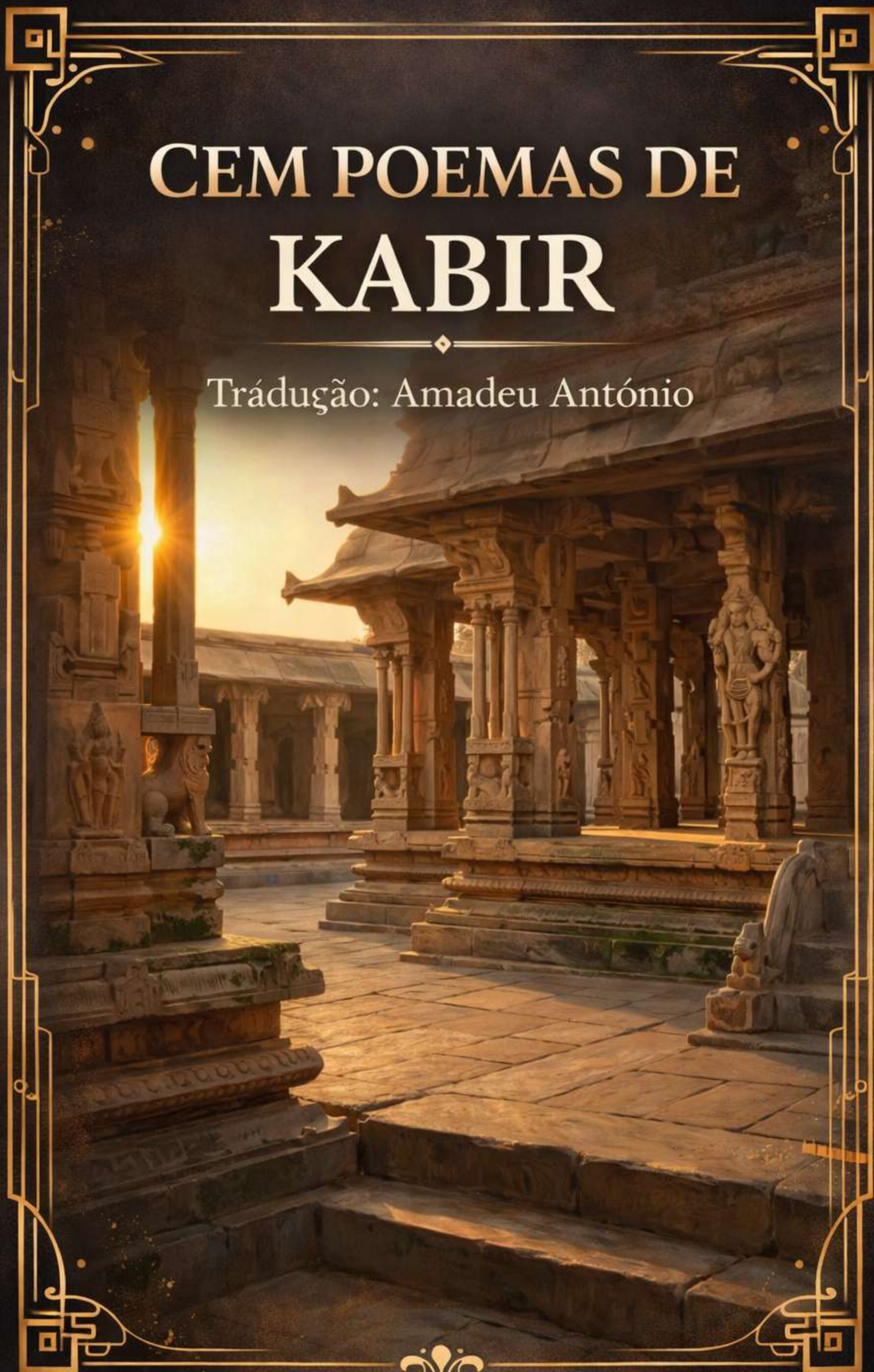


CEM POEMAS DE KABIR

Trádução: Amadeu António



CEM POEMAS DE KABIR

TRADUÇÃO PARA O PORTUGUES: AMADEU DUARTE

TRADUÇÃO ORIGINAL DE RABINDRANATH TAGORE (1915)

COM A ASSISTÊNCIA DE EVELYN UNDERHILL

PUBLICADO PELA INDIA SOCIETY, LONDRES; IMPRESSO E VENDIDO NA CHISWICK PRESS, 20
TOOKS COURT, CHANCERY LANE, E.C.
1914

INTRODUÇÃO

O poeta Kabir, de cuja obra aqui se apresenta, pela primeira vez, uma seleção de canções para leitores de língua inglesa, é uma das personalidades mais interessantes da história do misticismo indiano. Nascido em ou perto de Benares, de pais muçulmanos, provavelmente por volta do ano de 1440, tornou-se ainda jovem discípulo do célebre asceta hindu Ramananda.

Ramananda trouxe para o Norte da Índia o renascimento religioso que Ramanuja, o grande reformador do brahmanismo do século XII, tinha iniciado no Sul. Este renascimento foi, em parte, uma reação contra o crescente formalismo do culto ortodoxo e, em parte, uma afirmação das exigências do coração em oposição ao intenso intelectualismo da filosofia Vedanta, cujo monismo exagerado era proclamado. Na pregação de Ramanuja, assumiu a forma de uma devoção pessoal ardente ao Deus Vishnu, representando o aspeto pessoal da Natureza Divina: essa mística "religião do amor" que sempre se manifesta a certo nível da cultura espiritual e que nem credos nem filosofias conseguem extinguir.

Embora tal devoção seja intrínseca ao hinduísmo e encontre expressão em muitas passagens do Bhagavad Gita, o seu renascimento medieval teve um forte carácter sincrético. Ramananda, através de quem se diz que esse espírito chegou a Kabir, parece ter sido um homem de vasta cultura religiosa e grande entusiasmo missionário. Vivendo numa época em que a poesia apaixonada e a profunda filosofia dos grandes místicos persas – Attar, Saadi, Jalalu'ddin Rumi e Hafiz – exerciam uma poderosa influência sobre o pensamento religioso da Índia, sonhava em reconciliar esse intenso e pessoal misticismo muçulmano com a teologia tradicional do brahmanismo. Alguns consideram que tanto ele como Kabir foram também influenciados pelo pensamento e pela vida cristãos, mas, sendo este um ponto sobre o qual as opiniões das autoridades competentes divergem amplamente, não o discutiremos aqui.

Podemos afirmar com segurança, no entanto, que nos seus ensinamentos se cruzaram duas – talvez três – correntes aparentemente antagónicas de intensa cultura espiritual, tal como o pensamento judaico e helenístico se encontraram nos primórdios do Cristianismo. E uma das características marcantes do génio de Kabir é que conseguiu fundir esses elementos nos seus poemas.

Grande reformador religioso e fundador de uma seita à qual ainda pertencem quase um milhão de hindus do Norte da Índia, Kabir sobrevive para nós, sobretudo, como poeta místico. O seu destino foi o de muitos reveladores da Realidade: odiava o exclusivismo religioso e procurava, acima de tudo, conduzir os homens à liberdade dos filhos de Deus; no entanto, os seus seguidores honraram a sua memória erguendo de novo, noutra lugar, as barreiras que ele se esforçara por derrubar.

Mas as suas canções maravilhosas perduram – expressões espontâneas da sua visão e do seu amor – e é por meio delas, mais do que pelos ensinamentos doutrinários associados ao seu nome, que exerce o seu apelo imortal ao coração. Nestes poemas, manifesta-se uma vasta gama de inspiração mística: desde as mais sublimes abstrações e o mais profundo anseio pelo Infinito até à realização mais íntima e pessoal de Deus, expressa em metáforas simples e símbolos religiosos retirados indistintamente do hinduísmo e do islamismo.

É impossível afirmar se o seu autor era brahmane ou sufi, vedantista ou vaishnavita. Ele próprio diz: "Sou, ao mesmo tempo, filho de Alá e de Ram." O Espírito Supremo que conheceu e adorou, e cuja amizade jubilosa procurou revelar às almas dos homens, transcendeu, ao mesmo tempo que incluiu, todas as categorias metafísicas e todas as definições doutrinárias; contudo, cada uma delas contribuiu para a descrição dessa Totalidade Infinita e Simples que se revelava, conforme a sua medida, aos fiéis amantes de todos os credos.

A história de Kabir está envolta em lendas contraditórias, em nenhuma das quais se pode confiar plenamente. Algumas dessas lendas têm origem hindu, outras muçulmana, e reclamam-no ora como um sufi, ora como um santo brâmane. O seu nome, contudo, constitui praticamente uma prova conclusiva da sua ascendência muçulmana, e a versão mais provável é aquela que o apresenta como filho biológico ou adotivo de um tecelão muçulmano de Benares, cidade onde decorreram os principais acontecimentos da sua vida.

Na Benares do século XV, as tendências sincréticas da religião Bhakti tinham atingido o seu pleno desenvolvimento. Sufis e brâmanes pareciam encontrar-se frequentemente em debates, e os membros mais espirituais de ambos os credos frequentavam os ensinamentos de Ramananda, cuja reputação estava então no auge. O jovem Kabir, em quem a paixão religiosa era inata, viu em Ramananda o seu mestre predestinado, mas sabia bem quão escassas eram as probabilidades de um guru hindu aceitar um muçulmano como discípulo. Por isso, escondeu-se nos degraus do rio Ganges, onde Ramananda costumava tomar banho. Assim, quando o mestre desceu até à água, pisou inadvertidamente o corpo de Kabir e, surpreendido, exclamou: "Ram! Ram!", o nome da encarnação sob a qual adorava Deus. Kabir declarou então que tinha recebido dos lábios de Ramananda o mantra de iniciação e que, por isso, fora admitido como discípulo.

Apesar dos protestos dos brâmanes ortodoxos e dos muçulmanos — igualmente indignados por este desprezo das fronteiras teológicas — Kabir manteve a sua reivindicação, demonstrando assim, em ação, o próprio princípio de síntese religiosa que Ramananda procurava estabelecer em pensamento. Ramananda parece tê-lo

aceitado, e embora as lendas muçulmanas mencionem o famoso sufi Pir Takki de Jhansi como mestre de Kabir na sua vida adulta, é apenas ao santo hindu que Kabir reconhece dívida nos seus poemas.

O pouco que sabemos da vida de Kabir contraria muitas ideias convencionais sobre o místico oriental. Nada sabemos sobre as fases de disciplina pelas quais passou nem sobre a forma como se desenvolveu o seu génio espiritual. Parece ter permanecido durante anos como discípulo de Ramananda, participando nas discussões teológicas e filosóficas que o seu mestre mantinha com os grandes mullahs e brâmanes da época; e talvez daqui advenha o seu conhecimento dos termos da filosofia hindu e sufi. Pode ou não ter seguido a educação tradicional do contemplativo hindu ou sufi, mas é certo que nunca adotou a vida do asceta profissional, nem se retirou do mundo para se dedicar exclusivamente à mortificação corporal e à vida contemplativa.

Ao lado da sua vida interior de adoração e da sua expressão artística em música e poesia — pois era um músico talentoso, além de poeta —, Kabir viveu a existência equilibrada e diligente do artesão oriental. Todas as lendas concordam neste ponto: Kabir era um tecelão, um homem simples e iletrado que ganhava a vida ao tear. Tal como Paulo, o fabricante de tendas; Boehme, o sapateiro; Bunyan, o latoeiro; ou Tersteegen, o fabricante de fitas, ele soube combinar visão e trabalho; e o labor das suas mãos antes ajudava do que prejudicava a ardente meditação do seu coração.

Detestando as austeridades físicas, não era um asceta, mas sim um homem casado e pai de família — circunstância que as lendas hindus de carácter monástico tentam em vão ocultar ou justificar —, e foi do seio da vida comum que ele cantou os seus êxtases de amor divino. Os seus escritos confirmam a tradição da sua vida. Repetidamente, Kabir exalta a vida no lar, o valor e a autenticidade da existência quotidiana, com as suas oportunidades de amor e renúncia, e despreza a santidade profissional do yogi, que “tem uma grande barba e cabelos emaranhados e parece uma cabra”, bem como todos aqueles que julgam necessário fugir do mundo — que é permeado de amor, alegria e beleza, e constitui o verdadeiro palco da busca humana — para encontrar essa Única Realidade que “espalhou a Sua forma de amor por todo o universo”.

Não é preciso grande conhecimento da literatura ascética para reconhecer a ousadia e originalidade desta atitude naquele tempo e lugar. Do ponto de vista da santidade ortodoxa, fosse hindu ou muçulmana, Kabir era claramente um herético; e o seu declarado desdém por toda a religião institucional e todas as observâncias exteriores — tão radical e intenso quanto o dos Quakers — consolidou, no juízo das autoridades religiosas, a sua reputação de homem perigoso. A “união simples” com a Realidade Divina, que ele exaltava continuamente como dever e alegria de toda a alma, era independente tanto do ritual quanto das austeridades corporais. O Deus que proclamava “não estava nem em Meca nem no Monte Kailash”. Aqueles que O buscavam não precisavam de ir longe, pois Ele aguardava a descoberta em toda a parte, sendo mais acessível “à lavadeira e ao carpinteiro” do que ao homem santo autossuficiente.

Assim, todo o aparato da piedade, tanto hindu como muçulmano — o templo e a mesquita, o ídolo e a água sagrada, as escrituras e os sacerdotes — foi denunciado por este poeta de visão incômoda e perspicaz como meros substitutos da realidade; coisas mortas que se interpõem entre a alma e o seu amor:

As imagens estão todas sem vida, não podem falar:
Eu sei, pois clamei por elas em alta voz.

O Purana e o Alcorão são meras palavras:
Levantando a cortina, eu vi.

Este tipo de pensamento não pode ser tolerado por qualquer igreja organizada, e não é de surpreender que Kabir, tendo o seu centro de atividades em Benares, o coração da influência sacerdotal, tenha sido alvo de considerável perseguição. A conhecida lenda da bela cortesã enviada pelos brâmanes para testar a sua virtude — e que, tal como Madalena, foi convertida pelo encontro súbito com um iniciado num amor mais elevado — preserva a memória do medo e da aversão com que era visto pelas autoridades eclesiásticas.

Certa vez, após a realização de um suposto milagre de cura, Kabir foi levado à presença do imperador Sikandar Lodi, acusado de reclamar para si poderes divinos. No entanto, Sikandar Lodi, um governante de considerável cultura, era tolerante para com as excentricidades dos santos pertencentes à sua própria fé. Kabir, sendo de nascimento muçulmano, estava fora da autoridade dos brâmanes e era tecnicamente classificado entre os sufis, aos quais se permitia uma grande liberdade teológica. Assim, embora tenha sido exilado de Benares em nome da paz, a sua vida foi poupada. Parece que este evento ocorreu em 1495, quando Kabir tinha quase sessenta anos; e é o último acontecimento da sua vida de que temos conhecimento certo.

A partir de então, ele parece ter viajado por várias cidades do norte da Índia, rodeado por um grupo de discípulos, continuando, no exílio, a sua vida de apóstolo e poeta do amor, à qual, como declara num dos seus cânticos, fora destinado “desde o início dos tempos”. Em 1518, já idoso, debilitado pela saúde fragilizada e com as mãos tão fracas que já não podia fazer a música que amava, faleceu em Maghar, perto de Gorakhpur.

Uma bela lenda conta que, após a sua morte, os discípulos muçulmanos e hindus disputaram a posse do seu corpo: os muçulmanos queriam sepultá-lo, os hindus queimá-lo. Enquanto discutiam, Kabir apareceu diante deles e ordenou-lhes que levantassem o sudário e vissem o que jazia por baixo. Ao fazê-lo, encontraram, no lugar do cadáver, um monte de flores. Metade delas foi enterrada pelos muçulmanos em Maghar, e a outra metade foi levada pelos hindus para a cidade sagrada de Benares, onde foi queimada — um desfecho apropriado para uma vida que havia perfumado com beleza as doutrinas de duas grandes crenças.

II

A poesia do misticismo pode ser definida, por um lado, como uma reação temperamental à visão da Realidade; por outro, como uma forma de profecia. Tal como é vocação especial da consciência mística mediar entre duas ordens — dirigindo-se, em adoração amorosa, para Deus e regressando para contar aos homens os segredos da Eternidade —, assim também a sua expressão artística tem um duplo caráter. É poesia de amor, mas uma poesia de amor frequentemente escrita com intenção missionária.

Os cânticos de Kabir são desse tipo: nascem simultaneamente do êxtase e da compaixão. Escrito em hindi popular, e não na língua literária, o seu trabalho foi deliberadamente dirigido — tal como a poesia vernácula de Jacopone da Todi e Richard Rolle — ao povo, em vez de à classe religiosa profissional. E todos notarão o uso constante de imagens retiradas da vida comum, da experiência universal. É através das metáforas mais simples e dos apelos frequentes a necessidades, paixões e relações que todos os homens compreendem — o noivo e a noiva, o guru e o discípulo, o peregrino, o lavrador, o pássaro migrante — que ele transmite a sua intensa convicção sobre a realidade da comunhão da alma com o Transcendente.

No seu universo, não existem barreiras entre os mundos “natural” e “sobrenatural”; tudo faz parte do Jogo criativo de Deus e, portanto — mesmo nos seus detalhes mais humildes — é capaz de revelar a mente do Criador.

Esta aceitação voluntária do aqui e agora como meio de representar realidades superiores é uma característica comum aos maiores místicos. Para eles, quando finalmente alcançam o verdadeiro estado teopático, todos os aspetos do universo possuem igual autoridade enquanto declarações sacramentais da Presença de Deus. Por isso, o uso destemido de símbolos concretos e físicos — muitas vezes surpreendentes ou até chocantes para gostos menos acostumados — é diretamente proporcional à exaltação da sua vida espiritual.

As obras dos grandes sufis e, entre os cristãos, de Jacopone da Todi, Ruysbroeck e Boehme, estão repletas de ilustrações desta lei. Assim, não devemos estranhar encontrar nos cânticos de Kabir — nas suas tentativas desesperadas de comunicar o seu êxtase e persuadir outros a partilhá-lo — uma constante justaposição entre linguagem concreta e metafísica; alternâncias rápidas entre as formas mais intensamente antropomórficas e as mais subtilmente filosóficas de conceber a comunhão do homem com o Divino.

A necessidade dessa alternância, e a sua total naturalidade para a mente que a emprega, está enraizada no conceito ou na visão que Kabir tinha da Natureza de Deus; e, a menos que tentemos compreender essa visão, não iremos longe na interpretação dos seus poemas.

Kabir pertence a esse pequeno grupo de místicos supremos — entre os quais se destacam Santo Agostinho, Ruysbroeck e o poeta sufi Jalalu'ddin Rumi — que alcançaram aquilo a que poderíamos chamar a visão sintética de Deus. Estes

conseguiram resolver a perpétua oposição entre os aspetos pessoal e impessoal, transcendente e imanente, estático e dinâmico da Natureza Divina; entre o Absoluto da filosofia e o “verdadeiro e fiel Amigo” da religião devocional.

Fizeram-no, não tratando separadamente estes conceitos aparentemente incompatíveis, mas ascendendo a um nível de intuição espiritual onde, como disse Ruysbroeck, eles se “derretem e fundem na Unidade” e são percecionados como opostos complementares de um Todo perfeito. Este processo implica para eles — e tanto Kabir como Ruysbroeck o reconhecem expressamente — um universo composto por três ordens: Devir, Ser e aquilo que é “Mais do que Ser”, ou seja, Deus.

Aqui, Deus não é sentido como a abstração última, mas como a única realidade efetiva. Ele inspira, sustenta e, de facto, habita tanto o mundo duracional, condicionado e finito do Devir quanto o mundo incondicionado, não sucessivo e infinito do Ser; e, no entanto, transcende completamente ambos. Ele é a Realidade onnipresente, o “Tudo-penetrante” dentro de quem “os mundos são contados como contas de um rosário”. No seu aspeto pessoal, é o “bem-amado Fakir”, ensinando e acompanhando cada alma. Considerado como Espírito Imanente, é “a Mente dentro da mente”. Mas todos estes são, no melhor dos casos, aspetos parciais da Sua natureza, mutuamente corretivos: tal como as Pessoas da doutrina cristã da Trindade — com a qual esta conceção teológica tem uma notável semelhança — representam diferentes e complementares experiências da Unidade Divina, dentro da qual são reconciliadas.

Assim como Ruysbroeck discerniu um plano da realidade no qual “já não podemos falar de Pai, Filho e Espírito Santo, mas apenas de Um Ser, a própria substância das Pessoas Divinas”, também Kabir afirma que “para além do limitado e do ilimitado está Ele, o Ser Puro”.

Brahma, então, é o Fato Inefável, em comparação com o qual “a distinção entre o Condicionado e o Incondicionado não passa de uma palavra”: ao mesmo tempo o Uno absolutamente transcendente da filosofia absolutista e o Amante pessoal da alma individual — “comum a todos e especial para cada um”, como diz um místico cristão. A necessidade que Kabir sentia de ambas estas formas de descrever a Realidade é uma prova da riqueza e do equilíbrio da sua experiência espiritual, que nem os símbolos cósmicos nem os antropomórficos, tomados isoladamente, poderiam expressar.

Mais absoluto do que o Absoluto, mais pessoal do que a própria mente humana, Brahma excede e, ao mesmo tempo, inclui todos os conceitos da filosofia e todas as paixões intuitivas do coração. Ele é a Grande Afirmção, a fonte de energia, a origem da vida e do amor, a única satisfação do desejo. A sua palavra criadora é o Om, ou “Sim Eterno”. A filosofia negativa, que retira à Natureza Divina todos os Seus atributos e — definindo-O apenas pelo que Ele não é — O reduz a um Vazio, é abominável para este poeta tão pleno de vida. Kabir diz: “Brahma nunca pode ser encontrado em abstrações”. Ele é o Amor Uno, que permeia o mundo e só pode ser plenamente discernido pelos olhos do amor; e aqueles que O conhecem assim partilham, embora nunca possam expressar, o segredo jubiloso e inefável do universo.

Agora, ao alcançar esta síntese entre os aspetos pessoal e cósmico da Natureza Divina, Kabir evita os três grandes perigos que ameaçam a religião mística.

Em primeiro lugar, escapa ao excesso de emocionalismo, à tendência para uma devoção exclusivamente antropomórfica, que resulta de um culto sem restrições à Personalidade Divina, especialmente sob a forma de uma encarnação — fenómeno visível na Índia nas exagerações do culto de Krishna e, na Europa, nos excessos sentimentais de certos santos cristãos.

Em segundo lugar, protege-se das conclusões destrutivas do monismo absoluto, inevitáveis quando as suas implicações lógicas são levadas até ao extremo: ou seja, a identidade substancial entre Deus e a alma, com a sua consequência de total absorção da alma no Ser Divino como objetivo da vida espiritual. Para o monista radical, a alma, na medida em que é real, é substancialmente idêntica a Deus; e o verdadeiro propósito da existência é a manifestação desta identidade latente — realização expressa na fórmula vedantista “Tu és Aquilo”.

Mas Kabir diz que “Brahma e a criatura são sempre distintos, ainda que sempre unidos”; que o sábio reconhece o mundo espiritual e o mundo material como “não mais do que o Seu escabelo”. A união da alma com Ele é uma união de amor, uma habitação mútua, aquela relação essencialmente dualística que toda a religião mística exprime, e não uma fusão total que elimina a individualidade.

Esta distinção eterna, esta união na separação entre Deus e a alma, é uma doutrina necessária a todo o misticismo são; pois nenhum sistema que não encontre um lugar para ela pode representar mais do que um fragmento da comunhão da alma com o mundo espiritual. A sua afirmação foi uma das características distintivas da reforma vaishnavita pregada por Ramanuja — princípio que foi transmitido através de Ramananda a Kabir.

Por fim, a compreensão calorosamente humana e direta de Deus como o supremo Objeto do amor, o companheiro, mestre e esposo da alma — que é tão apaixonadamente e frequentemente expressa nos poemas de Kabir — equilibra e controla as tendências abstratas inerentes ao lado metafísico da sua visão da Realidade. Esta visão impede-a de degenerar na estéril adoração de fórmulas intelectuais, que se tornou a maldição da escola vedantista. Tanto para o mero intelectualista como para o pietista cego, Kabir tem pouca aprovação.

Para ele, o Amor é, em absoluto, o único Senhor: a fonte única da vida mais abundante que ele experimenta e o fator comum que une os mundos finito e infinito. Tudo está impregnado de amor: esse amor que ele descreve, numa linguagem quase joanina, como “a Forma de Deus”.

Toda a criação é o Jogo do Amante Eterno, a manifestação viva, mutável e crescente do amor e da alegria de Brahma. Assim como estas duas paixões presidem à geração

da vida humana, Kabir encontra-as, “para além das névoas do prazer e da dor”, a reger os atos criativos de Deus.

A sua manifestação é amor; a sua atividade é alegria. A criação nasce de um único e jubiloso ato de afirmação: o Sim Eterno, pronunciado perpetuamente nas profundezas da Natureza Divina.

De acordo com esta conceção do universo como um Jogo de Amor que avança eternamente — uma manifestação progressiva de Brahma —, o movimento, o ritmo, a mudança perpétua tornam-se parte integrante da visão de Kabir sobre a Realidade. Embora o Eterno e Absoluto esteja sempre presente na sua consciência, a sua visão da Natureza Divina é essencialmente dinâmica.

É através dos símbolos do movimento que ele mais frequentemente tenta expressá-la: seja nas suas constantes referências à dança, seja na imagem, surpreendentemente moderna, do Balanço Eterno do Universo, que “é sustentado pelos fios do amor”.

Uma característica marcante da literatura mística é que os grandes contemplativos, no seu esforço para comunicar a natureza da sua comunhão com o supra-sensível, são inevitavelmente levados a recorrer a imagens sensoriais. Por mais grosseira e imprecisa que tal linguagem seja — e eles próprios o reconhecem —, a consciência humana, no seu estado normal, está tão comprometida com a dependência dos sentidos que até os frutos da intuição são instintivamente referidos em termos sensoriais.

Na sua intuição mística, parece-lhes que todos os anseios vagos e as percepções fragmentadas dos sentidos encontram a sua realização perfeita. Daí a sua constante declaração de que veem a luz incriada, ouvem a melodia celestial, provam a doçura do Senhor, conhecem uma fragrância inefável, sentem o próprio contacto do amor.

“A Ele verdadeiramente vendo e plenamente sentindo,
A Ele espiritualmente ouvindo,
A Ele delectavelmente cheirando e docemente saboreando.”

Assim descreveu Julian de Norwich a experiência mística.

Entre aqueles que desenvolveram automatismos psico-sensoriais, estas correspondências entre os sentidos e o espírito podem apresentar-se sob a forma de visões e experiências sensíveis: como a luz que Suso viu, a música que Richard Rolle ouviu, os perfumes celestiais que enchiam a cela de Santa Catarina de Sena ou as feridas físicas sentidas por São Francisco e Santa Teresa. Estas são dramatizações excessivas do simbolismo sob o qual o místico tende instintivamente a representar a sua intuição espiritual para a consciência superficial.

Agora, Kabir, como seria de esperar em alguém cujas reações à ordem espiritual foram tão vastas e diversas, utiliza, alternadamente, todos os símbolos dos sentidos.

Ele diz-nos que “viu sem visão” o esplendor de Brahma, provou o néctar divino, sentiu o contacto extático da Realidade, cheirou a fragrância das flores celestiais.

Mas era, acima de tudo, um poeta e um músico: o ritmo e a harmonia eram, para ele, os mantos da beleza e da verdade.

Assim, nos seus cânticos, Kabir revela-se, tal como Richard Rolle, um místico musical por excelência. Ele repete, vezes sem conta, que a criação está cheia de música: é música.

No coração do Universo, “a música branca floresce”; o amor tece a melodia, enquanto a renúncia marca o compasso.

Ela pode ser ouvida tanto no lar como nos céus; discernida pelos ouvidos dos homens comuns, bem como pelos sentidos treinados do asceta.

Além disso, o corpo de cada homem é uma lira sobre a qual Brahma, “a fonte de toda a música”, toca.

Por toda a parte, Kabir percebe a “Música Não Tocada do Infinito” — aquela melodia celeste que o anjo tocou para São Francisco, aquela sinfonia espiritual que encheu a alma de Richard Rolle de júbilo extático.

A única figura que ele adota do Panteão Hindu e usa constantemente é a de Krishna, o Divino Tocador de Flauta.

Ele vê também a música supra-sensível na sua manifestação visual: como movimento rítmico — aquela misteriosa dança do universo perante a face de Brahma, que é simultaneamente um ato de adoração e uma expressão do êxtase infinito do Deus Imanente.

Contudo, nesta ampla e arrebatadora visão do universo, Kabir nunca perde o contacto com a existência quotidiana, nunca esquece a vida comum. Os seus pés estão firmemente plantados na terra; as suas percepções elevadas e apaixonadas são constantemente controladas pela atividade de um intelecto são e vigoroso, pela lucidez e pelo senso comum, tão frequentemente encontrados em pessoas de verdadeiro génio místico.

A sua insistência constante na simplicidade e na clareza, o seu ódio a todas as abstrações e filosofias excessivas, e a sua crítica implacável da religião exterior são algumas das suas características mais marcantes.

Para ele, Deus é a Raiz de todas as manifestações, tanto “materiais” quanto “espirituais”, e Deus é a única necessidade do homem — “A felicidade será tua quando chegares à Raiz”.

Por isso, para aqueles que mantêm o olhar fixo na “única coisa necessária”, denominações, credos, cerimónias, conclusões filosóficas e disciplinas ascéticas são questões secundárias. Representam apenas os diferentes ângulos pelos quais a alma pode aproximar-se dessa união simples com Brahma, que é o seu objetivo final; e só têm valor na medida em que contribuem para essa consumação.

Tão profundo é o ecletismo de Kabir que ele parece, alternadamente, vedantista e vaishnavita, panteísta e transcendentalista, brâmane e sufi. No esforço de expressar a verdade sobre essa percepção inefável — tão vasta e, no entanto, tão próxima — que controla a sua vida, ele entrelaça símbolos e ideias das mais diversas e contraditórias filosofias e religiões, tal como teceria fios contrastantes no seu tear.

Todos são necessários para sugerir a natureza daquele “Ser de cor solar que está para além desta Escuridão”, como o descreve o Upanishad — assim como todas as cores do espectro são necessárias para demonstrar a riqueza simples da luz branca.

Ao adaptar os materiais tradicionais ao seu próprio uso, Kabir segue um método comum entre os místicos; que raramente demonstram um amor especial pela originalidade da forma. Eles verterão o seu vinho em quase qualquer recipiente que tenham à mão, geralmente usando — e elevando a novos níveis de beleza e significado — as fórmulas religiosas ou filosóficas vigentes no seu tempo.

Assim, encontramos alguns dos mais belos poemas de Kabir centrados em temas comuns da filosofia e religião hindus:

Lila (o Jogo Divino),

Oceano da Bem-aventurança,

O Pássaro da Alma,

Maya,

O Lótus de Cem Pétalas,

A Forma sem Forma.

Muitos dos seus poemas, por outro lado, estão impregnados de imagética e sentimento sufi. Outros utilizam elementos do quotidiano indiano: os sinos dos templos, a cerimónia das lâmpadas, o casamento, o sati, as peregrinações, as estações do ano — tudo isto sentido por ele no seu aspeto místico, como sacramentos da relação da alma com Brahma.

Muitos destes poemas revelam também uma sensibilidade particularmente bela e íntima pela Natureza.

A Expressão do Misticismo de Kabir

Na coleção de cânticos aqui traduzida, encontram-se exemplos que ilustram quase todos os aspetos do pensamento de Kabir e todas as oscilações da emoção mística:

- O êxtase, o desespero, a beatitude serena, a entrega fervorosa, os momentos de iluminação ampla e os instantes de amor íntimo.

A sua visão ampla e profunda do universo — o "Jogo Eterno" da criação (LXXXII), os mundos sendo "contados como contas de um rosário" no Ser de Deus (XIV, XVI, XVII, LXXVI) — equilibra-se com o seu sentido belo e delicado de comunhão íntima com o Amigo Divino, Amante e Mestre da alma (X, XI, XXIII, XXXV, LI, LXXXV, LXXXVI, LXXXVIII, XCII, XCIII; acima de tudo, o belo poema XXXIV).

Assim como estas visões paradoxais da Realidade se reconciliam em Brahma, também todos os opostos se unem n'Ele:

- *Escravidão e liberdade, amor e renúncia, prazer e dor (XVII, XXV, XL, LXXXIX).*

A união com Deus é a única coisa que importa à alma, o seu destino e a sua necessidade (LI, LII, LIV, LXX, LXXIV, XCIII, XCVI).

E essa união, esse encontro com Deus, é a coisa mais simples e natural de todas, se ao menos o compreendêssemos (XLI, XLVI, LVI, LXXII, LXXVI, LXXVIII, XCVII).

No entanto, essa união é realizada através do amor, não pelo conhecimento ou pelas observâncias cerimoniais (XXXVIII, LIV, LV, LIX, XCI); e a percepção que ela concede é inefável — "nem Isto nem Aquilo", como diz Ruysbroeck (IX, XLVI, LXXVI).

A verdadeira adoração e comunhão é em Espírito e em Verdade (XL, XLI, LVI, LXIII, LXV, LXX), portanto, a idolatria é um insulto ao Amante Divino (XLII, LXIX) e os artifícios da santidade profissional são inúteis sem caridade e pureza de alma (LIV, LXV, LXVI).

O Caminho Para a Realização

Uma vez que todas as coisas — e, sobretudo, o coração humano — são habitadas e possuídas por Deus (XXVI, LVI, LXXVI, LXXXIX, XCVII),

Ele pode ser encontrado, acima de tudo, no aqui e agora: na vida normal, humana e corporal, no "lodo" da existência material (III, IV, VI, XXI, XXXIX, XL, XLIII, XLVIII, LXXII).

“Podemos alcançar a meta sem atravessar o caminho” (LXXVI) — o lar, e não o mosteiro, é o verdadeiro palco dos esforços do homem.

Se ele não encontra Deus aí, não deve esperar sucesso indo mais longe.

“No lar está a realidade”.

No lar, o amor e o desapego, a servidão e a liberdade, a alegria e a dor revezam-se na alma; e é desse conflito que nasce a Música Não Tocada do Infinito.

“Kabir diz: ninguém, exceto Brahma, pode evocar as suas melodias.”

III

Esta versão dos cânticos de Kabir é principalmente obra do Sr. Rabindranath Tagore, cujo génio místico — como todos os que lerem estes poemas perceberão — faz dele um intérprete particularmente sensível da visão e do pensamento de Kabir.

Ela baseia-se no texto impresso em hindi com tradução em bengali do Sr. Kshiti Mohan Sen; que reuniu, a partir de várias fontes — ora de livros e manuscritos, ora dos lábios de ascetas e menestrelis errantes — uma vasta coleção de poemas e hinos atribuídos ao nome de Kabir, tendo cuidadosamente separado os cânticos autênticos das muitas obras espúrias agora a ele associadas.

Foi apenas graças a este minucioso trabalho que a presente tradução pôde ser realizada.

Tivemos também à nossa disposição um manuscrito com a tradução para inglês de 116 cânticos, feita pelo Sr. Ajit Kumar Chakravarty a partir do texto do Sr. Kshiti Mohan Sen, bem como um ensaio em prosa sobre Kabir, da mesma autoria.

Destas obras recebemos grande auxílio. Um número considerável de leituras da tradução foi por nós adotado, enquanto vários factos mencionados no ensaio foram incorporados nesta introdução.

Os nossos mais sinceros agradecimentos são devidos ao Sr. Ajit Kumar Chakravarty, pela maneira extremamente generosa e altruísta com que colocou o seu trabalho à nossa disposição.

As referências nos títulos dos poemas correspondem a:

Santiniketana; Kabir por Sri Kshitimohan Sen, 4 partes, Brahmacharyasrama, Bolpur, 1910-11.

Pela assistência na normalização da transliteração, estamos em dívida para com o Prof. J. F. Blumhardt.

I

Ó **servo**, onde me procuras? Eis que estou **ao teu lado**.

**Não estou no templo nem na mesquita;
Não estou na Kaaba nem no Monte Kailash.
Não estou nos ritos nem nas cerimónias,
Nem no Yoga nem na renúncia.**

Se fores um verdadeiro buscador, ver-me-ás de imediato:
Encontrar-me-ás num instante.

Kabir diz: "**Ó Sadhu! Deus é o sopro de todos os sopros.**"

II

Não é necessário perguntar a um santo a que casta pertence;
Pois o sacerdote, o guerreiro, o comerciante, e todas as trinta e seis castas, procuram
igualmente Deus.

É tolice perguntar qual é a casta de um santo.

O barbeiro procurou Deus, a lavadeira e o carpinteiro também —
Até mesmo Raidas foi um buscador de Deus.

O Rishi Swapacha era um curtidor de peles por casta.

Hindus e muçulmanos alcançaram esse Fim, onde não resta marca de distinção.

III

Ó amigo!

Espera por Ele enquanto vives,
Conhece-O enquanto vives,
Compreende-O enquanto vives;

Pois a libertação reside na vida.

Se as tuas amarras não forem quebradas enquanto vives,
Que esperança de libertação haverá na morte?

É um sonho vão acreditar que a alma terá união com Ele só porque deixou o corpo.

Se Ele é encontrado agora, será encontrado depois;
Se não, não faremos mais do que habitar na Cidade da Morte.

Se tens união agora, terás união no além.

Banha-te na verdade, conhece o verdadeiro Guru, tem fé no verdadeiro Nome!

Kabir diz: "É o Espírito da busca que auxilia; sou escravo desse Espírito da busca."

IV

Não vás ao jardim das flores!
Ó amigo, não vás para lá!

Pois o jardim das flores está dentro do teu corpo.

Senta-te sobre as mil pétalas do lótus,
E contempla ali a Beleza Infinita.

V

Diz-me, irmão, como posso renunciar a Maya?

Quando deixei de atar fitas, ainda amarrei o meu manto;
Quando deixei de atar o meu manto, ainda cobri o meu corpo nas suas dobras.

Assim, quando abandonei a paixão, percebi que a ira permanecia;
E quando renunciei à ira, a ganância ainda estava comigo;
E quando a ganância foi vencida, restaram o orgulho e a vaidade.

Quando a mente se desliga e lança Maya fora, ainda se agarra à letra.

Kabir diz: "Ouve-me, querido Sadhu! O verdadeiro caminho raramente é encontrado."

VI

A lua brilha no meu corpo, mas os meus olhos cegos não a podem ver.
A lua está dentro de mim, e o sol também.

O tambor não tocado da Eternidade soa dentro de mim,
mas os meus ouvidos surdos não o podem ouvir.

Enquanto o homem clama pelo Eu e pelo Meu,
as suas obras são em vão.

Quando todo o amor pelo Eu e pelo Meu morre,
então a obra do Senhor é realizada.

Pois o trabalho não tem outro objetivo senão a obtenção do conhecimento;
Quando este chega, o trabalho é posto de lado.

A flor floresce para dar fruto;
quando o fruto vem, a flor murcha.

O almíscar está no veado, mas ele não o procura dentro de si:
Vagueia em busca de relva.

VII

Quando Ele próprio Se revela, Brahma manifesta
Aquilo que nunca pode ser visto.

Assim como a semente está na planta, a sombra está na árvore,
O vazio está no céu, e formas infinitas estão no vazio —

Assim, de além do Infinito, o Infinito vem;
E do Infinito, o finito se estende.

A criatura está em Brahma, e Brahma está na criatura:
São sempre distintos, mas sempre unidos.

Ele próprio é a árvore, a semente e o germe.
Ele próprio é a flor, o fruto e a sombra.
Ele próprio é o sol, a luz e o iluminado.
Ele próprio é Brahma, a criatura e Maya.
Ele próprio é a forma múltipla, o espaço infinito.
Ele é o sopro, a palavra e o significado.

Ele próprio é o limite e o ilimitado;
E para além tanto do limitado quanto do ilimitado, está Ele, o Ser Puro.

Ele é a Mente Imanente em Brahma e na criatura.

A Alma Suprema é vista dentro da alma,
O Ponto é visto dentro da Alma Suprema,
E dentro do Ponto, a reflexão surge novamente.

Kabir é abençoado porque teve esta visão suprema!

VIII

Dentro deste vaso de barro há bosques e pomares, e dentro dele está o Criador.

Dentro deste vaso estão os sete oceanos e as incontáveis estrelas.

A pedra-de-toque e o lapidário estão dentro;
E dentro deste vaso ressoa o Som Eterno, e a fonte brota.

Kabir diz: "Ouve-me, meu amigo! O meu Senhor amado está dentro."

IX

Como poderei alguma vez expressar essa palavra secreta?

Como posso dizer: 'Ele é assim' ou 'Ele não é assim'?

Se digo que Ele está dentro de mim, o universo envergonha-se;
Se digo que Ele está fora de mim, é uma falsidade.

Ele torna os mundos interior e exterior indivisivelmente um;
O consciente e o inconsciente são ambos os Seus escabelos.

Ele não é manifesto nem oculto;
Ele não é revelado nem não revelado.

Não há palavras para dizer o que Ele é.

X

Para Ti, Tu próprio atraíste o meu amor, ó Fakir!

Eu dormia na minha própria câmara, e Tu despertaste-me,
Golpeando-me com a Tua voz, ó Fakir!

Eu afundava-me nas profundezas do oceano deste mundo, e Tu salvaste-me,
Sustentando-me com o Teu braço, ó Fakir!

Apenas uma palavra e nenhuma segunda —
E Tu fizeste-me romper todas as minhas amarras, ó Fakir!

Kabir diz: "Uniste o Teu coração ao meu coração, ó Fakir!"

XI

Brinquei dia e noite com os meus companheiros, e agora tenho grande medo.

Tão alto é o palácio do meu Senhor, que o meu coração treme ao subir as suas
escadas;

Mas não devo ser tímido, se quero desfrutar do Seu amor.

O meu coração deve unir-se ao meu Amado;
Devo retirar o meu véu e encontrá-Lo com todo o meu ser.

Os meus olhos devem realizar a cerimónia das lâmpadas do amor.

Kabir diz: "Ouve-me, amigo: compreende aquele que ama.
Se não sentes o anseio do amor pelo teu Bem-Amado, é vão adornar o teu corpo, vão
é colocar unguento nas tuas pálpebras."

XII

Diz-me, ó Cisne, a tua antiga história.

De que terra vens, ó Cisne? Para que margem voarás?

Onde descansarás, ó Cisne, e o que procuras?

Ainda esta manhã, ó Cisne, desperta, levanta-te, segue-me!

Há uma terra onde nem dúvida nem tristeza dominam;
Onde o terror da Morte já não existe.

Ali, as florestas da primavera florescem, e a fragrância "Ele sou Eu" paira no vento.

Ali, a abelha do coração mergulha profundamente,
E não deseja outra alegria.

XIII

Ó Senhor Incriado, quem Te servirá?

Cada devoto oferece o seu culto ao Deus da sua própria criação;
Cada dia ele recebe serviço.

Ninguém procura Aquele que é Perfeito: Brahma, o Senhor Invisível.

Acreditam em dez Avatares;
Mas nenhum Avatar pode ser o Espírito Infinito,
Pois sofre as consequências dos seus atos.

O Supremo deve ser diferente disto.

Os yogis, sanyasis e ascetas disputam entre si.

Kabir diz: "Ó irmão! Aquele que viu esse brilho de amor, esse é salvo."

XIV

O rio e as suas ondas são uma só espuma;
Onde está a diferença entre o rio e as suas ondas?

Quando a onda se ergue, é água;
E quando cai, é novamente água.

Diz-me, senhor, onde está a distinção?

Porque lhe chamaram onda, deixará de ser considerada água?

Dentro do Supremo Brahma, os mundos são contados como contas de um rosário.

Olha para esse rosário com os olhos da sabedoria.

XV

Onde a Primavera, o senhor das estações, reina,
Ali a Música Não Tocada ressoa por si mesma.

Ali, os rios de luz fluem em todas as direções.
Poucos são os que conseguem atravessar para aquela margem!

Ali, onde milhões de Krishnas permanecem com as mãos postas,
Onde milhões de Vishnus inclinam as cabeças,
Onde milhões de Brahmas leem os Vedas,
Onde milhões de Shivas se perdem na contemplação,
Onde milhões de Indras habitam nos céus,
Onde os semideuses e os sábios são incontáveis,
Onde milhões de Saraswatis, Deusas da Música, tocam a vina —

Ali, o meu Senhor revela-se a Si mesmo;
E a fragrância do sândalo e das flores habita nessas profundezas.

XVI

Entre os polos do consciente e do inconsciente,
a mente fez um baloiço.

Nele pendem todos os seres e todos os mundos,
e esse baloiço nunca cessa o seu movimento.

Milhões de seres estão ali;
o sol e a lua seguem os seus cursos ali.

Milhões de eras passam,
e o baloiço continua a oscilar.

Tudo balança! — o céu, a terra, o ar e a água;
e o próprio Senhor tomando forma.

E ao ver isso, Kabir fez-se servo.

XVII

A luz do sol, da lua e das estrelas brilha intensamente.

A melodia do amor ressoa,
e o ritmo do desapego amoroso marca o compasso.

Dia e noite, o coro da música enche os céus;
e Kabir diz:

"O meu Amado resplandece como o relâmpago no céu."

Sabes como os momentos prestam a sua adoração?

O universo acena com a sua fila de lâmpadas,
e canta em adoração dia e noite.

Ali está o estandarte oculto e o dossel secreto;
Ali, ouve-se o som dos sinos invisíveis.

Kabir diz: "Ali, a adoração nunca cessa;
ali, o Senhor do Universo está sentado no Seu trono."

O mundo inteiro age e comete erros;
mas poucos são os amantes que conhecem o Amado.

O buscador devoto é aquele que mistura no seu coração
as duas correntes do amor e do desapego,
tal como se misturam os rios Ganges e Jumna.

No seu coração, a água sagrada flui dia e noite;
e assim, o ciclo de nascimentos e mortes chega ao fim.

Vê que maravilhoso descanso há no Espírito Supremo!
E só aquele que se torna digno dele o pode desfrutar.

Sustentado pelos fios do amor,
o baloiço do Oceano da Alegria oscila de um lado para o outro;
e um som poderoso irrompe em cântico.

Vê como um lótus floresce sem água!
E Kabir diz:
"A abelha do meu coração bebe do seu néctar."

Que maravilhoso lótus é esse,
que floresce no coração da roda giratória do universo!

Apenas algumas almas puras conhecem a sua verdadeira alegria.

A música rodeia-o por toda parte,
e ali o coração participa da alegria do Mar Infinito.

Kabir diz: "Mergulha nesse Oceano de doçura,
e que todos os erros da vida e da morte desapareçam."

Vê como a sede dos cinco sentidos é saciada ali!
E as três formas de sofrimento já não existem!

Kabir diz: "É o jogo do Inefável: olha para dentro,
e vê como os raios da lua desse Ser Oculto brilham em ti."

Ali ressoa o ritmo da vida e da morte;

O êxtase brota,
e todo o espaço resplandece de luz.

Ali a Música Não Tocada é ouvida;
é a música do amor dos três mundos.

Ali milhões de lâmpadas do sol e da lua brilham;

Ali o tambor bate, e o amante balança em alegria.

Ali ressoam cânticos de amor,
e a luz chove em cascatas;
e o adorador é arrebatado pelo néctar celestial.

Olha para a vida e a morte;
não há separação entre elas.

A mão direita e a mão esquerda são uma e a mesma.

Kabir diz: "Ali, o sábio fica sem palavras;
pois esta verdade nunca poderá ser encontrada nos Vedas ou nos livros."

Sentei-me sobre o Ser Autoexistente,
Bebi da Taça do Inefável,
Encontrei a Chave do Mistério,
Cheguei à Raiz da União.

Sem trilhar nenhum caminho,
cheguei à Terra Sem Sofrimento;
tão facilmente veio sobre mim a misericórdia do grande Senhor.

Cantaram d'Ele como sendo infinito e inatingível;
mas eu, nas minhas meditações, vi-O sem visão.

Essa é verdadeiramente a Terra Sem Sofrimento,
e ninguém conhece o caminho que leva até lá.

Apenas aquele que está nesse caminho
transcendeu seguramente toda a tristeza.

Maravilhosa é essa terra de descanso,
onde mérito algum pode levar-te.

É o sábio quem a viu,
é o sábio quem dela cantou.

Esta é a Palavra Última;
mas pode alguém expressar a sua maravilhosa doçura?

Aquele que a saboreou uma vez,
sabe que alegria ela pode dar.

Kabir diz: "Ao conhecê-la,
o ignorante torna-se sábio,
e o sábio fica mudo e silencioso.

O adorador está completamente embriagado,
A sua sabedoria e desapego tornam-se perfeitos;
Ele bebe da taça das inspirações e expirações do amor.

Ali, todo o céu está cheio de som,
e ali faz-se música sem dedos e sem cordas.

Ali, o jogo do prazer e da dor nunca cessa.

Kabir diz: "Se fundires a tua vida no Oceano da Vida,
encontrarás a tua existência na Terra Suprema da Bem-aventurança."

Que frenesi de êxtase há em cada hora!
E o adorador espreme e bebe a essência das horas;
ele vive na vida de Brahma.

Falo a verdade, pois aceitei a verdade na vida;
agora estou ligado à verdade,
varri todas as ilusões para longe.

Kabir diz: "Assim o adorador se liberta do medo;
assim todos os erros da vida e da morte o abandonaram."

Ali, o céu está cheio de música;
Ali chove néctar;
Ali as cordas da harpa vibram,
e ali os tambores ressoam.

Que esplendor secreto há na mansão do céu!

Ali não se fala do nascer e do pôr do sol;

No oceano da manifestação, que é a luz do amor,
o dia e a noite são sentidos como um só.

Alegria eterna, sem tristeza, sem luta!

Ali vi a alegria transbordante,
a perfeição da alegria!

Não há ali lugar para erro algum.

Kabir diz: "Ali testemunhei o jogo da Bem-aventurança Una!"

Conheci no meu próprio corpo o jogo do universo;
escapei do erro deste mundo.

O interior e o exterior tornaram-se um só céu,
o Infinito e o finito uniram-se:
Estou embriagado com a visão deste Todo!

Esta Luz Tua preenche o universo;
a lâmpada do amor que arde na bandeja do conhecimento.

Kabir diz: "Ali o erro não pode entrar,
e o conflito entre vida e morte não é mais sentido."

XVIII

A região média do céu, onde habita o espírito,
resplandece com a música da luz.

Ali, onde a música pura e branca floresce,
o meu Senhor encontra o Seu deleite.

No esplendor maravilhoso de cada fio do Seu cabelo,
perde-se o brilho de milhões de sóis e luas.

Naquela margem há uma cidade,
onde a chuva de néctar cai sem cessar.

Kabir diz: "Vem, ó Dharmadas!
E contempla o Durbar do meu grande Senhor."

XIX

Ó meu coração! O Espírito Supremo, o grande Mestre, está perto de ti.
Desperta, oh desperta!

Corre para os pés do teu Amado,
Pois o teu Senhor está ao lado da tua cabeça.

Dormiste por incontáveis eras;
esta manhã, não despertarás?

XX

Para que margem queres atravessar, ó meu coração?
Não há viajante antes de ti, não há caminho.

Onde está o movimento, onde está o repouso, nessa margem?

Não há água; não há barco, nem barqueiro ali.

Não há sequer uma corda para rebocar o barco,
nem um homem para puxá-lo.

Não há terra, nem céu, nem tempo, nem coisa alguma ali;
Não há margem, nem vau!

Ali, não há corpo nem mente;
E onde está o lugar que saciará a sede da alma?

Nada encontrarás nesse vazio.

Sê forte e entra no teu próprio corpo,
pois aí encontrarás um ponto firme para os teus pés.

Reflete bem, ó meu coração!
Não procures noutro lugar.

Kabir diz: "Afasta todas as imaginações,
e permanece firme naquilo que és."

XXI

As lâmpadas ardem em todas as casas, ó cego!
E tu não as consegues ver.

Um dia, os teus olhos subitamente se abrirão,
e então verás; e as correntes da morte cairão de ti.

Não há nada a dizer ou a ouvir, não há nada a fazer:
Aquele que vive e, no entanto, está morto, nunca mais morrerá.

Porque vive na solidão,
o Yogi diz que o seu lar está longe.

O teu Senhor está próximo;
E, no entanto, subes a uma palmeira para O procurar.

O sacerdote brâmane vai de casa em casa,
iniciando pessoas na fé.

Ah! A verdadeira fonte da vida está ao teu lado,
e tu ergues uma pedra para a adorar.

Kabir diz: "Nunca poderei expressar quão doce é o meu Senhor.
Yoga e a contagem de contas, virtude e vício — nada disso Lhe importa."

XXII

Ó irmão, o meu coração anseia por aquele verdadeiro Guru
que enche a taça do amor verdadeiro,
bebe dela e depois a oferece a mim.

Ele remove o véu dos olhos
e dá a visão verdadeira de Brahma.

Ele revela os mundos em Si,
e faz-me ouvir a Música Não Tocada.

Ele mostra que alegria e tristeza são uma só.

Ele enche todas as palavras de amor.

Kabir diz: "Verdadeiramente, aquele que tem tal Guru
não tem medo algum, pois ele conduz à morada segura!"

XXIII

As sombras do entardecer caem densas e profundas,
e a escuridão do amor envolve o corpo e a mente.

Abre a janela para o oeste,
e perde-te no céu do amor.

Bebe o doce mel que embebe as pétalas
do lótus do coração.

Recebe as ondas no teu corpo:
que esplendor há na região do selo!

Escuta! O som das conchas e dos sinos está a erguer-se.

Kabir diz: "Ó irmão, contempla!
O Senhor está neste vaso do meu corpo."

XXIV

Mais do que tudo, guardo no coração
esse amor que me faz viver uma vida ilimitada neste mundo.

É como o lótus, que vive na água e floresce na água;
e, no entanto, a água não pode tocar as suas pétalas,
pois elas se abrem para além do seu alcance.

É como a esposa, que entra no fogo por amor.
Ela arde e deixa os outros lamentar,
mas nunca desonra o amor...

Este oceano do mundo é difícil de atravessar;
as suas águas são muito profundas.

Kabir diz: "Ouve-me, ó Sadhu!
Poucos são os que chegaram ao seu fim."

XXV

O meu Senhor esconde-Se,
e o meu Senhor maravilhosamente Se revela.

O meu Senhor cercou-me com dureza,
e o meu Senhor derrubou os meus limites.

O meu Senhor traz-me palavras de tristeza e palavras de alegria,
e Ele próprio cura o conflito entre elas.

Oferecerei o meu corpo e mente ao meu Senhor;
renunciarei à minha vida,
mas nunca poderei esquecer o meu Senhor!

XXVI

Todas as coisas são criadas pelo Om;
A forma do amor é o Seu corpo.

Ele não tem forma, nem qualidade, nem decadência:
Busca a união com Ele!

Mas esse Deus sem forma assume mil formas
aos olhos das Suas criaturas.

Ele é puro e indestrutível,
A Sua forma é infinita e insondável.

Ele dança em êxtase,
e ondas de forma surgem da Sua dança.

O corpo e a mente não se podem conter,
quando são tocados pela Sua grande alegria.

Ele está imerso em toda a consciência,
todas as alegrias e todas as dores.

Ele não tem começo nem fim;
Ele contém tudo na Sua bem-aventurança.

XXVII

Foi a misericórdia do meu verdadeiro Guru que me fez conhecer o desconhecido.

Aprendi com Ele a andar sem pés,
a ver sem olhos,
a ouvir sem ouvidos,
a beber sem boca,
a voar sem asas.

Trouxe o meu amor e a minha meditação
para a terra onde não há sol nem lua,
nem dia nem noite.

Sem comer, provei a doçura do néctar;
e sem água, saciei a minha sede.

Onde há a resposta do deleite,
ali está a plenitude da alegria.

Diante de quem pode essa alegria ser expressa?

Kabir diz: "O Guru é grande além das palavras,
e grande é a boa fortuna do discípulo."

XXVIII

Diante do Incondicionado, o Condicionado dança:

"Tu e Eu somos um!"
proclama esta trombeta.

O Guru vem e inclina-se diante do discípulo;

Isto é o maior dos mistérios.

XXIX

Gorakhnath pergunta a Kabir:

"Diz-me, ó Kabir, quando começou a tua vocação?
Onde nasceu o teu amor?"

Kabir responde:

"Quando Aquele cujas formas são múltiplas ainda não havia iniciado o Seu jogo;
quando não havia Guru, nem discípulo;
quando o mundo não estava espalhado;
quando o Supremo estava só —

Foi então que me tornei asceta;
foi então, ó Gorakh, que o meu amor se voltou para Brahma.

Brahma não usava ainda a coroa sobre a cabeça;
Vishnu ainda não fora ungido rei;
o poder de Shiva ainda não havia nascido;
e eu já havia sido instruído no Yoga.

Fui subitamente revelado em Benares,
e Ramananda iluminou-me.

Trouxe comigo a sede pelo Infinito,
e vim para o encontro com Ele.

Na simplicidade unir-me-ei ao Simples;
o meu amor erguer-se-á.

Ó Gorakh, segue adiante ao som da Sua música!"

XXX

Nesta árvore há um pássaro:
ele dança na alegria da vida.

Ninguém sabe onde está,
e quem conhece o peso da sua melodia?

Onde os ramos lançam uma sombra profunda,
ali ele faz o seu ninho.

Vem ao entardecer e parte de manhã,
e não diz uma palavra sobre o seu significado.

Ninguém me fala deste pássaro que canta dentro de mim.

Não é colorido nem incolor;
não tem forma nem contorno;

Ele repousa na sombra do amor.

Habita no Inatingível, no Infinito, no Eterno;
e ninguém percebe quando vem e quando parte.

Kabir diz: "Ó irmão Sadhu!
profundo é o mistério.
Que os sábios procurem saber onde descansa esse pássaro."

XXXI

Uma dor intensa atormenta-me dia e noite,
e eu não consigo dormir.

Anseio pelo encontro com o meu Amado,
e a casa do meu pai já não me dá alegria.

Os portões do céu abrem-se, o templo é revelado:

Eu encontro o meu Esposo,
e deixo aos Seus pés a oferta do meu corpo e da minha mente.

XXXII

Dança, meu coração! Dança hoje de alegria.

As melodias do amor preenchem os dias e as noites com música,
e o mundo escuta as suas harmonias.

Louca de alegria, a vida e a morte dançam ao ritmo dessa música.

As montanhas, o mar e a terra dançam.

O mundo dos homens dança entre risos e lágrimas.

Por que vestir o manto do monge,
e viver afastado do mundo num orgulho solitário?

Contempla! O meu coração dança no deleite de cem artes,
e o Criador está satisfeito.

XXXIII

Para que servem as palavras,
quando o amor embriagou o coração?

Eu envolvi o diamante no meu manto;
por que abri-lo repetidamente?

Quando a sua carga era leve,
o prato da balança subiu;
agora que está cheio,
para que pesá-lo novamente?

O cisne voou para o lago além das montanhas;
por que deveria ele procurar novamente os charcos e as poças?

O teu Senhor habita dentro de ti;
por que precisas de abrir os teus olhos exteriores?

Kabir diz: "Escuta, meu irmão!
O meu Senhor, que encanta os meus olhos,
uniu-Se a mim."

XXXIV

Como poderia o amor entre Ti e mim ser quebrado?

Assim como a folha do lótus repousa sobre a água,
assim és Tu o meu Senhor, e eu sou o Teu servo.

Assim como a ave Chakor fita a lua durante toda a noite,
assim és Tu o meu Senhor, e eu sou o Teu servo.

Desde o princípio até ao fim dos tempos,
há amor entre Ti e mim;
e como poderá tal amor extinguir-se?

Kabir diz: "Assim como o rio entra no oceano,
assim o meu coração toca em Ti."

XXXV

O meu corpo e a minha mente sofrem pela Tua ausência;
Ó meu Amado! vem para minha casa.

Quando as pessoas dizem que sou Tua noiva, sinto vergonha;
Pois ainda não toquei o Teu coração com o meu coração.

Então, que amor é este que tenho?

Não sinto gosto pela comida, não consigo dormir;
o meu coração está sempre inquieto, dentro de casa e fora.

Assim como a água é para o sedento, assim é o amante para a noiva.
Quem levará as minhas notícias ao meu Amado?

Kabir está inquieto: ele morre pelo desejo de vê-Lo.

XXXVI

Amigo, desperta e não durmas mais!
A noite já passou, queres também perder o teu dia?

Outros que despertaram receberam jóias;
Ó mulher tola! Perdeste tudo enquanto dormias.

O teu Amado é sábio, e tu és insensata, ó mulher!

Nunca preparaste o leito do teu esposo;
Ó louca! Passaste o teu tempo em brincadeiras fúteis.

A tua juventude passou em vão, pois não conhecestes o teu Senhor.

Acorda, acorda! Olha! A tua cama está vazia:
Ele deixou-te durante a noite.

Kabir diz: "Apenas desperta aquela cujo coração
foi trespassado pela flecha da Sua música."

XXXVII

Onde está a noite, quando o sol brilha?
Se é noite, então o sol retirou a sua luz.

Onde há conhecimento, pode a ignorância resistir?
Se há ignorância, então o conhecimento deve morrer.

Se há luxúria, como pode haver amor?
Onde há amor, não há luxúria.

Empunha a tua espada e entra na batalha.
Luta, ó meu irmão, enquanto a vida durar.

Corta a cabeça do teu inimigo, e assim acaba logo com ele;
Depois vem e inclina a cabeça no Durbar do teu Rei.

Aquele que é corajoso nunca abandona a batalha;
Aquele que foge não é um verdadeiro guerreiro.

No campo deste corpo trava-se uma grande guerra
contra a paixão, a ira, o orgulho e a ganância.

É no reino da verdade, do contentamento e da pureza que esta batalha acontece;
e a espada que ressoa mais alto é a espada do Seu Nome.

Kabir diz: "Quando um bravo cavaleiro entra no campo,
um exército de covardes foge.

É uma luta árdua e cansativa, esta luta do buscador da verdade;
Pois o voto do buscador da verdade é mais difícil
do que o do guerreiro ou da viúva que segue o marido na morte.

O guerreiro luta por algumas horas, e a luta da viúva com a morte termina
rapidamente;

Mas a batalha do buscador da verdade dura dia e noite,
e enquanto a vida durar, nunca cessa."

XXXVIII

A fechadura do erro tranca o portão;
abre-o com a chave do amor.

Assim, ao abrir a porta, despertarás o Amado.

Kabir diz: "Ó irmão! Não deixes passar uma sorte tão grande como esta."

XXXIX

Ó amigo! Este corpo é a Sua lira.

Ele estica as suas cordas
e delas extrai a melodia de Brahma.

Se as cordas se partem e as teclas se afrouxam,
então este instrumento de pó deve retornar ao pó.

Kabir diz: "Ninguém, exceto Brahma, pode evocar as suas melodias."

XL

Ele é-me verdadeiramente querido
aquele que pode trazer o errante de volta ao lar.

No lar está a verdadeira união, no lar está o gozo da vida;
por que deveria eu abandonar o meu lar e vagar pela floresta?

Se Brahma me ajudar a realizar a verdade,
verei que tanto a servidão quanto a libertação estão no lar.

Ele é-me verdadeiramente querido
aquele que tem o poder de mergulhar profundamente em Brahma;
cuja mente se perde com facilidade na Sua contemplação.

Ele é-me querido aquele que conhece Brahma,
e pode habitar na Sua suprema verdade em meditação;

e que pode tocar a melodia do Infinito
ao unir o amor e a renúncia na vida.

Kabir diz: "O lar é a morada permanente; no lar está a realidade;
o lar ajuda a alcançar Aquele que é real.
Portanto, fica onde estás, e todas as coisas virão até ti a seu tempo."

XLI

Ó Sadhu! A união simples é a melhor.

Desde o dia em que encontrei o meu Senhor,
não houve fim para o jogo do nosso amor.

Não fecho os olhos,
não tapo os ouvidos,
não mortifico o meu corpo.

Vejo com os olhos abertos e sorrio,
e contemplo a Sua beleza em toda parte.

Pronuncio o Seu Nome,
e tudo o que vejo me lembra d'Ele;
tudo o que faço torna-se a Sua adoração.

O nascer e o pôr do sol são um só para mim;
todas as contradições são resolvidas.

Onde quer que eu vá, movo-me em torno d'Ele.

Tudo o que alcanço é o Seu serviço.

Quando me deito, deito-me prostrado aos Seus pés.

Ele é o único Adorável para mim; não tenho outro.

A minha língua abandonou as palavras impuras,
ela canta a Sua glória dia e noite.

Se me levanto ou me sento, nunca posso esquecê-Lo;
pois o ritmo da Sua música ressoa nos meus ouvidos.

Kabir diz: "O meu coração está frenético,
e na minha alma revelo o que está oculto.
Estou imerso naquela grande bem-aventurança
que transcende todo o prazer e toda a dor."

XLII

Não há nada além de água nos lugares sagrados de banho;
e eu sei que são inúteis, pois já me banhei neles.

As imagens são todas inanimadas, não podem falar;
sei disso, pois clamei a elas em vão.

Os Puranas e o Corão são apenas palavras;
ao levantar o véu, vi a verdade.

Kabir expressa as palavras da experiência;
e ele sabe muito bem que todas as outras coisas são ilusórias.

XLIII

Rio-me ao ouvir que o peixe, dentro da água, tem sede.

Não percebes que o Real está na tua própria casa,
e vagueias sem rumo de floresta em floresta!

Aqui está a verdade! Vai para onde quiseres,
para Benares ou para Mathura;
se não encontrares a tua alma, o mundo será irreal para ti.

XLIV

O Estandarte Oculto está erguido no templo do céu;
ali o dossel azul, adornado com a lua e cravejado de jóias brilhantes, estende-se.

Ali brilha a luz do sol e da lua;
silencia a tua mente perante esse esplendor.

Kabir diz: "Aquele que bebeu deste néctar,
vagueia como um louco."

XLV

Quem és tu e de onde vens?

Onde habita esse Espírito Supremo,
e como Ele joga com todas as coisas criadas?

O fogo está na madeira, mas quem o desperta de repente?
Então ele se torna cinza, e para onde vai a força do fogo?

O verdadeiro Guru ensina que Ele não tem limite nem infinitude.

Kabir diz: "Brahma ajusta a Sua linguagem
ao entendimento do ouvinte."

XLVI

Ó Sadhu! Purifica o teu corpo de forma simples.

Assim como a semente está dentro da árvore banyan,
e dentro da semente estão as flores, os frutos e a sombra:

Assim, o germe está dentro do corpo,
e dentro desse germe está novamente o corpo.

O fogo, o ar, a água, a terra e o éter;
não podes tê-los fora d'Ele.

Ó Kazi, ó Pundit, refleti bem:
o que existe que não esteja na alma?

O cântaro cheio de água está colocado sobre a água;
ele tem água dentro e fora.

Não deveria receber um nome,
para que não desperte o erro do dualismo.

Kabir diz: "Escuta a Palavra, a Verdade, que é a tua essência.
Ele fala a Palavra para Si mesmo;
e Ele próprio é o Criador."

XLVII

Há uma árvore estranha,
que permanece sem raízes e dá frutos sem florescer;

Não tem ramos nem folhas,
é um lótus por inteiro.

Dois pássaros cantam ali;
um é o Guru, e o outro o discípulo:

O discípulo escolhe os múltiplos frutos da vida e saboreia-os,
e o Guru observa-o com alegria.

Kabir diz: "O que eu digo é difícil de compreender:
o pássaro está além da busca,
e, no entanto, é claramente visível.

O Sem Forma está no meio de todas as formas.
Eu canto a glória das formas."

XLVIII

Acalmei a minha mente inquieta,
e o meu coração está radiante:

pois em "Aquilo" vi para além de "Aquilo",
em companhia vi o próprio Companheiro.

Vivendo na servidão, libertei-me;
rompi com todas as garras da estreiteza.

Kabir diz: "Alcansei o inalcançável,
e o meu coração está colorido com a cor do amor."

XLIX

Aquilo que vês não é;
e para aquilo que é, não tens palavras.

Se não vires, não acreditarás;
aquilo que te dizem, não podes aceitar.

Aquele que discerne, conhece pela palavra;
e o ignorante fica boquiaberto.

Alguns contemplam o Sem Forma,
outros meditam na forma;
mas o sábio sabe que Brahma está além de ambos.

A Sua beleza não pode ser vista pelos olhos;
o Seu ritmo não pode ser ouvido pelos ouvidos.

Kabir diz: "Aquele que encontrou tanto o amor quanto a renúncia,
nunca desce à morte."

L

A flauta do Infinito toca sem cessar,
e o seu som é amor.

Quando o amor renuncia a todos os limites,
ele alcança a verdade.

Quão longe se espalha a fragrância!
Ela não tem fim, nada a detém.

A forma desta melodia é brilhante como um milhão de sóis;
incomparável é o som da vina,
a vina das notas da verdade.

LI

Querido amigo, anseio por encontrar o meu Amado!

A minha juventude floresceu,
e a dor da separação d'Ele atormenta o meu peito.

Ainda vagueio pelos becos do conhecimento, sem rumo,
mas foi nesses becos que recebi as Suas notícias.

Tenho uma carta do meu Amado;
nesta carta há uma mensagem inefável,
e agora o meu medo da morte desapareceu.

Kabir diz: "Ó meu amigo amoroso!
Recebi como dádiva o Imortal."

LII

Quando estou separado do meu Amado,
o meu coração está cheio de miséria;

Não encontro conforto durante o dia,
não consigo dormir à noite.

A quem contarei a minha dor?

A noite está escura, as horas passam.
Porque o meu Senhor está ausente,
sobressalto-me e tremo de medo.

Kabir diz: "Escuta, meu amigo!
Não há outra satisfação senão no encontro com o Amado."

LIII

O que é essa flauta,
cuja música me enche de alegria?

A chama arde sem lâmpada;
O lótus floresce sem raiz;

As flores desabrocham em cachos;

A ave Chakora é devota da lua;
Com todo o seu coração, a ave da chuva anseia pela tempestade.

Mas em cujo amor se concentra inteiramente o Amante?

LIV

Não ouviste a melodia que toca a Música Não Tocada?

No meio da câmara,
a harpa da alegria é tocada suavemente e docemente;
e para que precisas de sair para ouvi-la?

Se não bebestes do néctar desse Amor Único,
de que serve purificares-te de todas as impurezas?

O Kazi busca as palavras do Corão
e ensina os outros;
mas se o seu coração não estiver mergulhado nesse amor,
de que lhe serve ser um mestre dos homens?

O Yogi tinge as suas vestes de vermelho;
mas se nada sabe dessa cor do amor,
de que lhe serve que as suas roupas sejam tingidas?

Kabir diz: "Quer esteja no templo ou na varanda,
no acampamento ou no jardim florido,
digo-te verdadeiramente que, em cada momento,
o meu Senhor encontra o Seu deleite em mim."

LV

Sutil é o caminho do amor!

Nele não há pedido nem recusa;
Ali, perde-se o eu aos Seus pés.

Ali, mergulha-se na alegria da busca;
imerso nas profundezas do amor,
como o peixe na água.

O amante nunca hesita
em oferecer a sua cabeça ao serviço do Senhor.

Kabir revela o segredo deste amor.

LVI

Ele é o verdadeiro Sadhu,
aquele que pode revelar a forma do Sem Forma
à visão destes olhos;

Aquele que ensina o caminho simples para alcançá-Lo,
diferente dos ritos e das cerimónias;

Aquele que não te faz fechar as portas,
nem segurar a respiração,
nem renunciar ao mundo;

Aquele que te faz perceber o Espírito Supremo
onde quer que a mente se fixe;

Aquele que te ensina a permanecer em silêncio
mesmo no meio de todas as tuas atividades.

Sempre imerso na bem-aventurança,
sem medo na mente,
ele mantém o espírito de união
mesmo no meio de todos os prazeres.

A morada infinita do Ser Infinito está em toda parte:
na terra, na água, no céu e no ar.

Firme como o raio,
o assento do buscador está estabelecido sobre o vazio.

Aquele que está dentro está também fora;
Eu vejo-O e ninguém mais.

LVII

Recebe essa Palavra da qual o Universo surgiu!

Essa Palavra é o Guru;
eu ouvi-a e tornei-me discípulo.

Quantos há que conhecem o significado dessa Palavra?

Ó Sadhu! Pratica essa Palavra!

Os Vedas e os Puranas proclamam-na.

O mundo está estabelecido nela.

Os Rishis e devotos falam dela;
mas ninguém conhece o mistério da Palavra.

O chefe de família abandona a sua casa ao ouvi-la.
O asceta retorna ao amor ao ouvi-la.

As Seis Filosofias a explicam.

O Espírito da Renúncia aponta para essa Palavra.

Dessa Palavra, o mundo tomou forma.

Essa Palavra revela tudo.

Kabir diz: "Mas quem sabe de onde vem a Palavra?"

LVIII

Esvazia a taça! Oh, embriaga-te!

Bebe o néctar divino do Seu Nome!

Kabir diz: "Ouve-me, querido Sadhu!

Da planta dos pés ao topo da cabeça,
esta mente está cheia de veneno."

LIX

Ó homem, se não conheces o teu próprio Senhor,
de que te orgulhas?

Deixa de lado a tua astúcia;
meras palavras nunca te unirão a Ele.

Não te iludas com o testemunho das Escrituras;

O amor é algo diferente disto,
e aquele que o buscou verdadeiramente, encontrou-o.

LX

O sabor de vaguear no oceano da vida imortal
livrou-me de todos os meus desejos.

Assim como a árvore está dentro da semente,
também todas as doenças residem neste desejo.

LXI

Quando finalmente chegas ao oceano da felicidade,
não voltes para trás com sede.

Desperta, homem insensato! Pois a Morte espreita-te.
Aqui está água pura diante de ti;
bebe-a a cada respiração.

Não sigas a miragem a pé, mas anseia pelo néctar;

Dhruva, Prahlad e Shukadeva beberam dele,
e também Raidas o provou.

Os santos estão embriagados de amor,
a sua sede é pelo amor.

Kabir diz: "Escuta-me, irmão!
O ninho do medo foi destruído."

Nem por um momento te encontraste face a face com o mundo:

Teces a tua prisão de falsidade,
as tuas palavras estão cheias de engano.

Com o fardo dos desejos que carregas sobre a cabeça,
como podes ser leve?

Kabir diz: "Guarda dentro de ti a verdade,
o desapego e o amor."

LXII

Quem ensinou alguma vez à esposa viúva
a queimar-se na pira do seu marido morto?

E quem ensinou ao amor
a encontrar a felicidade na renúncia?

LXIII

Por que estás tão impaciente, meu coração?

Aquele que vela pelos pássaros,
pelos animais e pelos insetos,

Aquele que cuidou de ti
enquanto ainda estavas no ventre de tua mãe,

Não cuidará Ele agora de ti,
agora que vieste ao mundo?

Ó meu coração, como pudeste desviar-te do sorriso do teu Senhor
e vaguear tão longe d'Ele?

Deixaste o teu Amado e pensas em outros;
e é por isso que todo o teu trabalho é em vão.

LXIV

Quão difícil é encontrar o meu Senhor!

A ave da chuva lamenta-se de sede pela chuva;
quase morre de tanto ansiar,
mas não aceita outra água senão a da chuva.

Atraído pelo amor à música,
o veado avança;
morre enquanto escuta a melodia,
mas não recua com medo.

A viúva senta-se junto ao corpo do seu marido morto;
não teme o fogo.

Afasta todo o medo deste corpo frágil.

LXV

Ó irmão! Quando eu estava perdido,
o meu verdadeiro Guru mostrou-me o Caminho.

Então, abandonei todos os ritos e cerimónias,
já não me banhei em águas sagradas;

Foi então que percebi que era eu o louco,
e que todo o mundo à minha volta era sensato;
e que tinha perturbado essas pessoas sábias.

Desde esse momento,
já não soube mais como rolar na poeira em reverência;

Já não toco o sino do templo;

Já não coloco o ídolo no seu trono;

Já não adoro a imagem com flores.

Não são as austeridades que mortificam a carne
que agradam ao Senhor.

Se deixares as tuas roupas
e aniquilares os teus sentidos,
não será isso que agradará ao Senhor.

O homem que é bondoso e pratica a retidão,
que permanece tranquilo no meio dos assuntos do mundo,
que vê todas as criaturas da Terra como a si mesmo,

Ele alcança o Ser Imortal,
o verdadeiro Deus está sempre com ele.

Kabir diz: "Ele alcança o verdadeiro Nome,
aquele cujas palavras são puras
e que está livre do orgulho e da vaidade."

LXVI

O Yogi tinge as suas vestes,
em vez de tingir a sua mente com as cores do amor.

Senta-se no templo do Senhor,
mas abandona Brahma para adorar uma pedra.

Perfura os seus ouvidos,
tem uma grande barba e cabelos emaranhados,
parece uma cabra.

Parte para o deserto,
mata todos os seus desejos
e transforma-se num eunuco.

Raspa a cabeça e tinge as suas roupas;
lê o Gita e torna-se um grande falador.

Kabir diz: "Estás a caminhar para as portas da morte,
preso de mãos e pés!"

LXVII

Não sei que tipo de Deus é o meu.

O Mullah clama alto por Ele—mas por quê?
O teu Senhor é surdo?

Os finos guizos que tilintam nos pés de um inseto ao mover-se
são ouvidos por Ele.

Conta as tuas contas de oração,
pinta a tua testa com a marca do teu Deus,
deixa crescer os teus cabelos em longos cachos e exibe-os.

Mas dentro do teu coração escondes uma arma mortal.
Como poderás então encontrar Deus?

LXVIII

Ouçó a melodia da Sua flauta,
e não consigo conter-me.

A flor desabrocha,
ainda que não seja primavera;
e já a abelha recebeu o seu convite.

O céu troveja
e os relâmpagos brilham,
as ondas erguem-se no meu coração.

A chuva cai;
e o meu coração anseia pelo meu Senhor.

Onde o ritmo do mundo sobe e desce,
ali o meu coração chegou.

Ali as bandeiras ocultas tremulam no ar.

Kabir diz: "O meu coração está a morrer,
ainda que viva."

LXIX

Se Deus está dentro da mesquita, então a quem pertence este mundo?

Se Ram está dentro da imagem que encontras na tua peregrinação,
então quem está lá para saber o que acontece fora?

Hari está no Oriente, Allah está no Ocidente.
Olha dentro do teu coração, pois ali encontrarás tanto Karim como Ram.

Todos os homens e mulheres do mundo são as Suas formas vivas.

Kabir é filho de Allah e de Ram: Ele é o meu Guru, Ele é o meu Pir.

LXX

Aquele que é humilde e contente,
aquele que tem uma visão igual para tudo,
cuja mente está cheia da plenitude da aceitação e do repouso;

Aquele que O viu e O tocou,
está liberto de todo o medo e sofrimento.

Para ele, o pensamento constante de Deus é como a pasta de sândalo espalhada
sobre o corpo;
para ele, nada mais é deleite.

O seu trabalho e o seu descanso são preenchidos com música;
ele espalha ao redor o brilho do amor.

Kabir diz: "Toca os pés d'Aquele que é um e indivisível,
imutável e pacífico;
que enche todos os vasos até à borda com alegria,
e cuja forma é amor."

LXXI

Vai à companhia dos bons,
onde o Amado tem a Sua morada.

Toma todos os teus pensamentos, o teu amor e a tua instrução dali.

Que seja reduzida a cinzas toda a assembleia onde o Seu Nome não é pronunciado!

Diz-me, como podes celebrar um banquete de casamento
se o próprio noivo não está presente?

Não vaciles mais, pensa apenas no Amado;

Não dediques o teu coração à adoração de outros deuses,
pois não há valor na adoração de outros mestres.

Kabir medita e diz: "Assim, jamais encontrarás o Amado!"

LXXII

A joia está perdida na lama, e todos a procuram;

Alguns procuram-na no Oriente, outros no Ocidente;
alguns na água e outros entre as pedras.

Mas o servo Kabir avaliou-a pelo seu verdadeiro valor,
e envolveu-a cuidadosamente na ponta do manto do seu coração.

LXXIII

O palanquim veio buscar-me para me levar à casa do meu esposo,
e um arrepio de alegria percorreu o meu coração.

Mas os carregadores levaram-me para a floresta solitária,
onde não tenho ninguém que me pertença.

Ó carregadores, suplico-vos pelos vossos pés,
esperai só mais um momento:
deixai-me voltar para os meus parentes e amigos,
para deles me despedir.

O servo Kabir canta: "Ó Sadhu! termina as tuas compras e vendas,
acabai com o vosso bem e o vosso mal;
pois na terra para onde ides
não há mercados nem lojas."

LXXIV

Ó meu coração! Não conheces todos os segredos desta cidade do amor;
em ignorância vieste, e em ignorância partirás.

Ó meu amigo, o que fizeste desta vida?

Colocaste sobre a tua cabeça um fardo pesado de pedras,
e quem poderá aliviá-lo por ti?

O teu Amigo está na outra margem,
mas nunca pensaste na tua mente
como poderias encontrá-Lo.

O barco está partido, e ainda assim continuas sentado na margem;
e assim as ondas te açoitam sem propósito.

O servo Kabir pede-te que reflectas:
quem será o teu amigo no fim?

Estás sozinho, não tens companheiro:
sofrerás as consequências dos teus próprios atos.

LXXV

Os Vedas dizem que o Incondicionado
está para além do mundo das Condições.

Ó mulher, de que te serve discutir
se Ele está além de tudo ou em tudo?

Vê tudo como a tua própria morada:
a névoa do prazer e da dor jamais poderá ali espalhar-se.

Ali, Brahma é revelado dia e noite:
ali, a luz é o Seu manto,
a luz é o Seu assento,
a luz repousa sobre a tua cabeça.

Kabir diz: "O Mestre, que é verdadeiro, Ele é toda a luz."

LXXVI

Abre os teus olhos de amor,
e vê Aquele que preenche este mundo!
Reflete bem, e sabe que este é o teu próprio país.

Quando encontrares o verdadeiro Guru,
Ele despertará o teu coração.

Ele revelar-te-á o segredo do amor e do desapego,
e então saberás de verdade
que Ele transcende este universo.

Este mundo é a Cidade da Verdade,
o seu labirinto de caminhos encanta o coração.

Podemos alcançar o objetivo sem cruzar o caminho,
tal é o jogo sem fim.

Ali onde o círculo das muitas alegrias dança ao Seu redor,
está o jogo da Bem-Aventura Eterna.

Quando soubermos isto,
todo o nosso receber e renunciar terá fim;

A partir de então,
o calor do desejo nunca mais nos queimará.

Ele é o Descanso Supremo sem limites:

Ele espalhou a Sua forma de amor por todo o mundo.

Daquele Raio que é a Verdade,
fluxos de novas formas brotam perpetuamente,
e Ele permeia essas formas.

Todos os jardins, bosques e arvoredos
estão repletos de flores,
e o ar ondula em explosões de alegria.

Ali o cisne joga um jogo maravilhoso,

Ali a Música Não Tocada
redemoinha em torno do Infinito.

Ali, no meio, brilha o Trono do Inatingível,
onde se senta o grande Ser—

Milhões de sóis envergonham-se diante do brilho
de um único fio do Seu cabelo.

Na harpa do caminho,
quão verdadeiras melodias estão a ser tocadas!
e as suas notas perfuram o coração.

Ali, a Fonte Eterna
derrama os seus infinitos fluxos de vida,
de nascimento e morte.

Chamam-lhe Vazio,
mas Ele é a Verdade das verdades,
em Quem todas as verdades estão guardadas!

Dentro d'Ele, a criação prossegue,
para além de toda a filosofia;
pois a filosofia não pode alcançá-Lo.

Ali existe um mundo sem fim, ó meu irmão!
E ali está o Ser Sem Nome,
de Quem nada pode ser dito.

Só aquele que chegou a essa região o conhece:
é diferente de tudo o que se ouviu ou disse.

Não há forma,
não há corpo,
não há comprimento nem largura ali.

Como posso dizer-te o que Ele é?

Aquele sobre quem desce a graça do Senhor
chega ao Caminho do Infinito:
Ele é libertado dos nascimentos e das mortes
aquele que O alcança.

Kabir diz: "Isto não pode ser dito por palavras,
nem pode ser escrito em papel.

É como um mudo que prova algo doce—
como poderá ele explicá-lo?"

LXXVII

Ó meu coração! Vamos para essa terra
onde habita o Amado, o arrebatador do meu coração!

Ali, o Amor enche o seu cântaro no poço,
mas não tem corda para tirar a água.

Ali, as nuvens não cobrem o céu,
e, ainda assim, a chuva cai em suaves chuveiros.

Ó ser sem corpo! Não fiques sentado no teu limiar;
sai e banha-te nessa chuva!

Ali, é sempre luar e nunca escuro;
e quem fala de apenas um sol?
Essa terra está iluminada pelos raios de milhões de sóis.

LXXVIII

Kabir diz: "Ó Sadhu! Ouve as minhas palavras imortais.
Se desejas o teu próprio bem, examina-as e reflete bem sobre elas.

Tu afastaste-te do Criador,
de quem brotaste:
perdeste a razão, compraste a morte.

Todas as doutrinas e todos os ensinamentos vêm d'Ele,
d'Ele crescem:
sabe isto com certeza e não tenhas medo.

Ouve de mim as notícias desta grande verdade!

De quem cantas o nome,
e em quem meditas?
Ó, sai desse emaranhado!

Ele habita no coração de todas as coisas,
então por que procurar refúgio na desolação vazia?

Se colocas o Guru à distância de ti,
então é apenas a distância que estás a honrar.

Se o Mestre está realmente longe,
então quem mais está a criar este mundo?

Se pensas que Ele não está aqui,
então vagueias cada vez mais longe,
e procuras em vão com lágrimas nos olhos.

Onde Ele está distante, Ele é inalcançável;
onde Ele está próximo, Ele é bem-aventurança.

Kabir diz: "Para que o Seu servo não sofra dor,
Ele penetra-o por inteiro."

Conhece-te a ti mesmo, então, ó Kabir;
pois Ele está em ti, da cabeça aos pés.

Canta com alegria,
e mantém-te firme no teu coração."

LXXIX

Não sou nem piedoso nem ímpio,
Não vivo nem pela lei nem pelos sentidos,
Não sou nem orador nem ouvinte,
Não sou nem servo nem mestre,
Não sou nem preso nem livre,
Não sou nem desapegado nem apegado.

Não estou longe de ninguém; não estou perto de ninguém.
Não irei nem para o inferno nem para o céu.

Faço todas as obras; e, ainda assim, estou separado de todas as obras.

Poucos compreendem o meu significado;
aquele que pode compreendê-lo, permanece imóvel.

Kabir não busca nem estabelecer nem destruir.

LXXX

O verdadeiro Nome não é como nenhum outro nome!

A distinção entre o Condicionado e o Incondicionado
é apenas uma palavra.

O Incondicionado é a semente,
o Condicionado é a flor e o fruto.

O conhecimento é o ramo,
e o Nome é a raiz.

Olha e vê onde está a raiz:
a felicidade será tua quando chegares à raiz.

A raiz levar-te-á ao ramo, à folha, à flor e ao fruto.

É o encontro com o Senhor,
é a conquista da bem-aventurança,
é a reconciliação entre o Condicionado e o Incondicionado.

LXXXI

No princípio, Ele estava sozinho,
suficiente em Si mesmo:
o Ser sem forma, sem cor e incondicionado.

Então, não havia começo, meio ou fim.

Então, não havia olhos, nem escuridão, nem luz.

Então, não havia terra, nem ar, nem céu;
nem fogo, nem água, nem terra;
nem rios como o Ganges e o Jumna,
nem mares, oceanos e ondas.

Então, não havia nem vício nem virtude;
não existiam escrituras,
nem os Vedas e Puranas,
nem o Corão.

Kabir reflete em sua mente e diz: "Então,
não havia ação:
o Ser Supremo permanecia imerso
nas profundezas desconhecidas do Seu próprio ser."

O Guru não come nem bebe,
não vive nem morre;

Não tem forma, linha, cor ou veste.

Aquele que não tem casta, nem clã,
nem qualquer outra coisa—
como poderei descrever a Sua glória?

Ele não tem forma nem ausência de forma,
Ele não tem nome,
Ele não tem cor nem ausência de cor,
Ele não tem morada.

LXXXII

Kabir reflete e diz: "Aquele que não tem casta nem país,
que é sem forma e sem qualidade,
preenche todo o espaço."

O Criador trouxe à existência o Jogo da Alegria,
e da palavra Om surgiu a Criação.

A terra é a Sua alegria;
a Sua alegria é o céu;
a Sua alegria é o brilho do sol e da lua;
a Sua alegria é o começo, o meio e o fim;
a Sua alegria são os olhos, a escuridão e a luz.

Os oceanos e as ondas são a Sua alegria;
a Sua alegria é o Sarasvati, o Jumna e o Ganges.

O Guru é Um:
e vida e morte, união e separação,
são todos os Seus jogos de alegria!

O Seu jogo é a terra e a água,
todo o universo,
o Seu jogo é a terra e o céu!

Em jogo, a Criação está espalhada,
em jogo, ela está estabelecida.

Todo o mundo, diz Kabir,
descansa no Seu jogo,
e ainda assim, o Jogador permanece desconhecido.

LXXXIII

A harpa emite uma música murmurante;
e a dança acontece sem mãos nem pés.

Ela é tocada sem dedos,
ela é ouvida sem ouvidos;
pois Ele é o ouvido,
e Ele é o ouvinte.

O portão está trancado,
mas lá dentro há fragrância;
e ali, o encontro é visto por ninguém.

Os sábios compreenderão.

LXXXIV

O Mendigo anda a mendigar,
mas nem sequer consegui vê-Lo.

E o que hei de pedir ao Mendigo?
Ele dá sem que eu peça.

Kabir diz: "Eu sou d'Ele:
agora, que aconteça o que tiver de acontecer!"

LXXXV

O meu coração clama pela casa do meu amado;
a estrada aberta e o abrigo de um teto são o mesmo
para aquela que perdeu a cidade do seu esposo.

O meu coração não encontra alegria em nada;
a minha mente e o meu corpo estão desassossegados.

O Seu palácio tem um milhão de portões,
mas há um vasto oceano entre ele e mim.

Como poderei atravessá-lo, ó amigo?
Pois infinito é o caminho que se estende diante de mim.

Quão maravilhosamente esta lira foi construída!
Quando as suas cordas estão bem afinadas,
ela enlouquece o coração;
mas quando as chaves se partem e as cordas se afrouxam,
ninguém mais lhe dá atenção.

Digo aos meus pais, entre risos, que devo ir ter com o meu Senhor pela manhã.

Eles ficam zangados, pois não querem que eu vá,
e dizem:

"Ela pensa que tem tal domínio sobre o seu esposo
que pode ter tudo o que deseja;
e, por isso, está impaciente por ir ter com ele."

Querida amiga, levanta o meu véu suavemente agora;
pois esta é a noite do amor.

Kabir diz: "Escutai-me! O meu coração anseia por encontrar o meu amado;
fico acordado na minha cama sem conseguir dormir.
Lembra-vos de mim ao amanhecer!"

LXXXVI

Serve o teu Deus, que veio para este templo da vida!

Não te comportes como um louco,
pois a noite adensa-se rapidamente.

Ele esperou-me por incontáveis eras,
por amor a mim perdeu o Seu coração.

E, no entanto, eu não conhecia a bem-aventurança
que estava tão perto de mim,
pois o meu amor ainda não tinha despertado.

Mas agora, o meu Amado revelou-me o significado
da nota que tocou no meu ouvido.

Agora, chegou a minha boa fortuna.

Kabir diz: "Vede! Quão grande é a minha sorte!
Recebi a carícia eterna do meu Amado!"

LXXXVII

As nuvens adensam-se no céu!
Ó, escutai a voz profunda do seu trovão!

A chuva vem do Oriente com o seu murmúrio monótono.

Cuidai das cercas e dos limites dos vossos campos,
para que as chuvas não os inundem.

Preparai o solo da libertação,
e deixai que as trepadeiras do amor e da renúncia
se embebam nesta chuva.

É o agricultor prudente
quem levará para casa a sua colheita;
ele encherá os seus vasos,
e alimentará tanto os sábios como os santos.

LXXXVIII

Este dia é-me mais querido do que todos os outros dias,
pois hoje o Amado Senhor é hóspede na minha casa.

O meu quarto e o meu pátio resplandecem com a Sua presença.

Os meus anseios cantam o Seu Nome
e perdem-se na Sua imensa beleza.

Lavo os Seus pés, olho para o Seu Rosto
e coloco diante d'Ele, como oferenda,
o meu corpo, a minha mente e tudo o que possuo.

Que dia de alegria é esse,
em que o meu Amado, o meu tesouro,
vem à minha casa!

Todo o mal se afasta do meu coração
quando vejo o meu Senhor.

"O meu amor tocou-O;
o meu coração anseia pelo Nome que é a Verdade."

Assim canta Kabir, o servo de todos os servos.

LXXXIX

Haverá algum sábio
que escutará essa música solene que ressoa no céu?

Pois Ele, a Fonte de toda a música,
enche todos os vasos,
e repousa em plenitude em Si mesmo.

Aquele que está no corpo está sempre sedento,
pois persegue apenas o que é parcial.

Mas sempre ressoa, cada vez mais fundo,
o som "Ele é isto—isto é Ele";
fundindo amor e renúncia num só.

Kabir diz: "Ó irmão! Esse é o Verbo Primordial."

XC

A quem devo ir para aprender sobre o meu Amado?

Kabir diz: "Assim como nunca poderás encontrar a floresta
se ignorares a árvore,
também Ele nunca poderá ser encontrado nas abstrações."

XCI

Aprendi a língua sânscrita,
por isso deixo que todos me chamem de sábio.

Mas de que serve isso,
se estou à deriva, sedento e queimado
pelo calor do desejo?

De nada vale carregares sobre a cabeça
esse fardo de orgulho e vaidade.

Kabir diz: "Deixa-o cair no pó
e vai ao encontro do Amado.
Dirige-te a Ele como teu Senhor."

XCII

A mulher separada do seu amado
fazia girar a roda do tear.

A cidade do corpo ergue-se em beleza,
e dentro dela foi construído o palácio da mente.

A roda do amor gira no céu,
e o assento é feito de jóias do conhecimento.

Que fios subtis a mulher tece,
e com amor e reverência os afina.

Kabir diz: "Estou a tecer a grinalda do dia e da noite.
Quando o meu Amado vier
e me tocar com os Seus pés,
oferecerei a Ele as minhas lágrimas."

XCIII

Sob o grande guarda-sol do meu Rei,
milhões de sóis, luas e estrelas brilham!

Ele é a Mente dentro da minha mente;
Ele é o Olho dentro do meu olho.

Ah, se a minha mente e os meus olhos
pudessem tornar-se um só!

Se o meu amor pudesse alcançar o meu Amado!

Se o calor ardente do meu coração
pudesse ser suavizado!

Kabir diz: "Quando unes o amor ao Amado,
então atinges a perfeição do amor."

XCIV

Ó Sadhu! A minha terra é uma terra sem sofrimento.

Clamo a todos,
ao rei e ao mendigo,
ao imperador e ao fakir—

Quem quer que busque abrigo no Supremo,
venha e estabeleça-se na minha terra!

Que o cansado venha e deixe aqui os seus fardos!

Vive aqui, meu irmão,
para que possas atravessar com facilidade
até à outra margem.

É uma terra sem terra nem céu,
sem lua nem estrelas;

Pois apenas o esplendor da Verdade
brilha na Corte do meu Senhor.

Kabir diz: "Ó amado irmão!
Nada é essencial, exceto a Verdade."

XCV

Vim com o meu Senhor para a casa do meu Senhor,
mas não vivi com Ele, nem O saboreei,
e a minha juventude passou como um sonho.

Na minha noite de núpcias,
as minhas amigas cantaram em coro,
e fui ungida com os bálsamos do prazer e da dor.

Mas quando a cerimónia terminou,
deixei o meu Senhor e afastei-me,
e os meus parentes tentaram consolar-me pelo caminho.

Kabir diz: "Irei para a casa do meu Senhor
com o meu amor ao meu lado;
então soarei a trombeta da vitória!"

XCVI

Ó amigo, querido do meu coração, reflete bem!
Se amas de verdade, então porque dormes?

Se O encontraste, entrega-te totalmente,
e toma-O para ti.

Porque O soltas repetidamente?

Se o sono profundo do repouso veio aos teus olhos,
porque perdes tempo a preparar a cama
e a ajeitar as almofadas?

Kabir diz: "Eu conto-te os caminhos do amor!
Mesmo que a cabeça tenha de ser entregue,
porque haverias de chorar por isso?"

XCVII

O Senhor está em mim, o Senhor está em ti,
assim como a vida está em cada semente.

Ó servo! Deixa de lado o orgulho falso,
e procura-O dentro de ti.

Milhões de sóis brilham com luz,
O mar azul espalha-se pelo céu.

A febre da vida acalma-se,
e todas as manchas são lavadas
quando me sento no meio desse mundo.

Escuta os sinos e os tambores não percutidos!
Encontra o teu deleite no amor!

As chuvas caem sem água,
e os rios são correntes de luz.

Há um único Amor que preenche o mundo inteiro,
mas poucos o conhecem plenamente.

São cegos aqueles que esperam vê-lo
pela luz da razão,
essa razão que é a causa da separação—

A Casa da Razão está muito longe!

Quão abençoado é Kabir,
pois no meio desta grande alegria
ele canta dentro do seu próprio vaso.

É a música do encontro da alma com a alma.

É a música do esquecimento das tristezas.

É a música que transcende
todas as idas e todas as vindas.

XCVIII

O mês de março aproxima-se:
ah, quem me unirá ao meu Amado?

Como poderei encontrar palavras para a beleza
do meu Bem-Amado?
Pois Ele está imerso em toda a beleza.

A Sua cor está em todas as imagens do mundo,
e encanta o corpo e a mente.

Aqueles que sabem disto,
compreendem este inefável jogo da Primavera.

Kabir diz: "Escuta-me, irmão!
São poucos os que descobriram esta verdade."

XCIX

Ó Narad! Eu sei que o meu Amado não pode estar longe.

Quando o meu Amado acorda, eu acordo;
quando Ele dorme, eu durmo.

Está destruído na raiz
quem causa dor ao meu Bem-Amado.

Onde cantam o Seu louvor, ali eu vivo.

Quando Ele se move, caminho diante d'Ele;
o meu coração anseia pelo meu Amado.

A infinita peregrinação está aos Seus pés,
um milhão de devotos ali se sentam.

Kabir diz: "O próprio Amado revela
a glória do verdadeiro amor."

C

Pendura hoje o baloiço do amor!

Suspende o corpo e a mente
entre os braços do Amado,
na embriaguez da alegria do amor.

Traz para os teus olhos
os ribeiros lacrimosos das nuvens chuvosas,
e cobre o teu coração
com a sombra da escuridão.

Aproxima o teu rosto do Seu ouvido,
e fala-Lhe dos mais profundos anseios
do teu coração.

Kabir diz: "Escuta-me, irmão!
Traz a visão do Amado para o teu coração."